

“DA ORTHOGRAPHIA DA LINGUA PORTUGUEZA”  
DE FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO

“DA ORTHOGRAPHIA DA LINGUA PORTUGUEZA”  
BY FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO

Susana Fontes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
sfontes@utad.pt

Sónia Coelho

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
ccoelho@utad.pt

RESUMO:

A *Grammatica analytica da lingua portuguesa* de Francisco Solano Constâncio foi publicada, pela primeira vez, em 1831. Enquadrando-se dentro dos principais movimentos da época, esta obra evidencia já tendências daquilo que viria a ser a linguística histórico-comparativa. Neste sentido, tendo em conta a importância desta obra, pretendemos, no presente artigo, analisar as propostas ortográficas do autor, atentando no sistema ortográfico adotado, e nas principais regras que norteiam a sua doutrina.

PALAVRAS-CHAVE: *Grammatica analytica da lingua portuguesa*, Francisco Solano Constâncio, ortografia, século XIX

ABSTRACT:

Francisco Solano Constâncio's *Grammatica analytica da lingua portuguesa* was published for the first time in 1831. This work fits within the main movements of the time, but it already shows trends of what would become the historical and comparative linguistics. Therefore, given the importance of this work, in this paper, we intend to analyze the author's orthographic proposals, considering the orthographic system adopted, and the main rules that guide his orthographic doctrine.

KEYWORDS: *Grammatica analytica da lingua portuguesa*, Francisco Solano Constâncio, orthography, nineteen century

## 1. O autor e a sua obra<sup>1</sup>

Filho de Manuel Constâncio, um ilustre cirurgião e professor de anatomia, Francisco Solano Constâncio terá nascido em Lisboa, por volta de 1772. Cedo saiu do seu país, tendo regressado já doutor em Medicina pela universidade de Edimburgo, por volta de 1800. Em 1808, abandona novamente Portugal, uma vez que, enquanto assumido defensor da causa francesa, temia uma perseguição. Após esta saída, terá estado em Paris, uma vez que aí publica, em 1815, o *Observador Lusitano em Paris, ou collecção litteraria, politica e commercial*, publicação que se insere no jornalismo da primeira emigração. Tendo também percorrido outros países da Europa e a América do Norte, fixou-se finalmente em Paris, onde casou com Maria Julia Basillie e faleceu a 21 de dezembro de 1846.

Para além da sua formação em medicina, são-lhe ainda reconhecidos méritos como filólogo, economista e tradutor. De entre as obras metalinguísticas da sua autoria, destacam-se as seguintes:

- *Grammaire portugaise, à l'usage des français qui veulent apprendre le portugais* (1830);
- *Nova Grammatica da lingua franceza, offerecida aos portuguezes e brasileiros* (1831);
- *Nouvelle grammaire portugaise: à l'usage des Français* (1832, 1849);
- *Novo Diccionario critico e etymologico, da lingua portugueza, precedido de uma introdução gramatical* (1836);
- *Novo Mestre inglez, ou grammatica da lingua inglesa, ensinada em 25 lições* (1837);
- *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil* (1831, 1855).

## 2. A *Grammatica analytica da lingua portugueza*

A *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil* surge pela primeira vez em 1831, publicada em Paris e no Rio de Janeiro, voltando a ser reeditada, numa segunda edição, em Paris, em 1855. Esta gramática foi também editada numa versão resumida, sob o título de “Resumo da grammatica portugueza”, anteposta ao *Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza*<sup>2</sup>, dado pela primeira

<sup>1</sup> Para informações detalhadas acerca do autor, leia-se Silbert (1950).

<sup>2</sup> Trata-se de um volume in 4º grande, com perto de mil páginas, que, na realidade, excede um pouco a expectativa de um dicionário prático, quer pela sua configuração, quer pelas

vez à estampa em 1836, que contou com mais de dez edições. Ao que parece, apesar destas edições, esta gramática, escrita num período em que o autor se encontrava no estrangeiro, terá sido pouco divulgada em Portugal.

Esta obra insere-se dentro das chamadas gramáticas filosóficas, cujo expoente máximo em Portugal foi a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (1822), de Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816), no entanto estão também nela reunidas outras correntes:

A obra de Constâncio reúne, pelo menos, três correntes diferentes: a gramática geral de teor sensualista na tradição de Condillac, a teoria etimológica de Horne Tooke e a linguística histórico-comparativa nascente, representada pelos irmãos Schlegel e, no domínio das línguas românicas, de Raynouard (SCHÄFER-PRIEB, 2002, p. 172).

Relativamente à estrutura interna da obra, ela surge dividida em cinco partes, como se pode ver na tabela que se segue:

Conteúdos	Páginas
[rosto]	[I]
<i>Proemio</i>	1-4
<i>Parte Primeira: Das Letras ou caracteres vocais</i>	1-19
<i>Parte Segunda: Das partes da oração</i>	19-176
<i>Parte Terceira: Das Particulas da oração</i>	176-203
<i>Parte Quarta: Da Syntaxe</i>	203-247
<i>Parte Quinta: Da Prosodia</i>	247-308
<i>Index</i>	309-312

No presente artigo, interessa-nos atentar na *Parte Quinta*, especificamente no subcapítulo consignado ao tratamento da *Orthographia da Lingua portugueza*.

---

características da sua composição e pelos elementos de informação linguística que valoriza, especialmente a abundante acumulação sinonímica (“com reflexões críticas”), que preenche as glosas, e sobretudo a análise etimológica (VERDELHO, 2007, p. 32-33).

### 3. *Orthographia da Lingua portugueza*

O autor começa a análise da ortografia com uma reflexão acerca da origem da língua portuguesa e alertando para o facto de esta ser “[...] derivada da latina, mas não diretamente do latim classico [...]” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 260), como era habitual considerar-se:

A lingua portugueza he derivada da latina, mas formou-se em tempos em que o latim já tinha soffrido grande corrupção, e vem realmente, assim como o castelhano e os outros dialectos hispanicos, o francez e o italiano, de dialectos mais ou menos regularmente derivados do latim, e dos quaes he o principal e o mais perfeito o chamado *Langue roman* ou *romane* em francez, ou *lingua roman* em portuguez. Delle nasceo o francez, o siciliano, o italiano, o catalão, etc. He mui provavel que este dialecto não foi senão a lingua latina rustica fallada pelo povo nos paizes sujeitos ao dominio de Roma, e cujos habitantes tinham perdido o uso das suas linguas primevas (CONSTÂNCIO, 1831, p. 2-3).

Assim, tendo em consideração a própria evolução da língua latina, para o gramático, os estudiosos da língua não se devem socorrer apenas do latim clássico nas suas análises, mas também da evolução do mesmo, *a lingua latina rustica*, e de outras línguas com as quais o português se aparenta. Na sua interpretação, o facto de não terem em conta este pressuposto levou muitos estudiosos da língua a cometerem muitos erros na ortografia:

Recorrer á lingua dos escriptores classicos latinos em prosa ou verso, para fixar a derivação de palavras portuguezas de origem adulterada, he erro grave. Por isso, quem comparar *leite* com *lac*, *quente* com *calidus*, *leito* com *lectus*, *lex* com *lei*, *olho* com *oculus*, *desejo* com *desiderium*, verá que os radicaes já estavam pervertidos quando começarão a ser pronunciados de huma maneira analogá a nossa (CONSTÂNCIO, 1831, p. 266).

Seguidamente, o autor reflete sobre as vantagens e desvantagens dos diferentes sistemas ortográficos, posicionando-se, desde logo, contra uma ortografia baseada unicamente na pronúncia. Na sua opinião, quem o faz toma “[...] por guia o cego, arbitrario e variavel uso, desprezando a razão” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 261). Para além de criticar os autores que têm por base da ortografia somente o critério fonético, explica que este sistema só se poderia aplicar às línguas primitivas:

Muitos homens de sizo e de instrucção tem proposto em Portugal, em França, e em outras nações, tomar por base da orthographia a pronuncia, não empregando letras inuteis, e dando a cada character valores constantes, ou pelo menos, dando hum valor invariavel ás combinações de letras indispensaveis para figurar sons que não tem caracteres simples apropriados. Este systema seria o unico acertado em huma lingua primitiva, á qual se quizesse adaptar hum alphabeto ou serie de letras figurativas dos sons da linguagem fallada; mas em dialectos derivados não só de hum, mas de varios idiomas, hum tal systema he absurdo e disparatado [...]. (CONSTÂNCIO, 1831, p. 261).

Neste sentido, Constâncio considera que o sistema mais acertado é aquele que concilia o critério etimológico com os usos consagrados. Esta ortografia foi a adotada pela “[...] Regia officina typographica, e nas leis do reino, desde de João V para cá [...]” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 262), sendo também, em geral, a que se encontra aplicada por António Morais Silva (1755-1824) no seu dicionário<sup>3</sup> (cf. CONSTÂNCIO, 1831, p. 262).

### 3.1 Princípios ortográficos

Nesta parte designada “Da orthographia da Lingua portugueza”, Constâncio trata da questão ortográfica, através da enumeração de oito regras, que abordam questões como o uso do <h> e do <y>, os dígrafos gregos, as consoantes dobradas, a grafia dos ditongos, entre outros.

A primeira regra enunciada pode ser considerada a base da sua doutrina ortográfica, que assenta na valorização do princípio etimológico, sem descurar, obviamente, os usos consagrados. Assim, defende o gramático que se devem conservar todas as letras que os vocábulos possuem na sua origem:

Nas palavras derivadas do latim devem conservar-se todas as letras que o uso, não absolutamente antiquado, tem conservado aos vocabulos latinos convertidos em vozes portuguezas por mudança de terminação, transposição, omissão, adição ou substituição de letra ou letras.

Portanto, havendo entre os autores classicos antigos, ou entre os bons escriptores modernos algum que mais se encoste á derivação, deverá ser seguido de preferencia aos mais (CONSTÂNCIO, 1831, p. 263).

---

<sup>3</sup> Segundo Constâncio, Morais só se afasta desta ortografia em três aspetos: “Hum, he o uso inadmissivel do y á maneira dos Francezes; o outro, o de *êi* por *em*, que ambos procedem de huma pronunciação viciosa brasileira; o terceiro he a omissão do *h* em *hum*, e em *he*” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 263).

Repare-se que o gramático adota uma postura conservadora, nomeadamente quando defende a adoção da forma mais próxima do original, desde que registada por aqueles que melhor dominam a língua.

Esta regra enunciada vai ser aplicada a vários casos, nomeadamente ao uso do <h>, do <y>, dos grupos consonânticos e à representação da nasalidade.

### 3.1.1 O uso do <h>

No que concerne ao grafema <h>, o autor considera que este pode ser usado enquanto sinal de aspiração, sinal distintivo, marca etimológica, com função anti-hiática e como elemento constitutivo dos dígrafos portugueses <ch, lh, nh> e dos dígrafos gregos <ch, ph, th, rh>, na linha do que já vinha sendo defendido por autores anteriores, nomeadamente por Soares Barbosa.

Assim, na senda da tradição, considera, como referido, o grafema <h> como sinal de aspiração e como elemento integrante dos dígrafos portugueses, conforme se pode confirmar pelas suas palavras:

*O h latino he hum signal orthographico que suppre a aspiração (´) dos Gregos. Entre nós tem o mesmo officio; mas a repugnancia que existe em portuguez a todo o som aspirado com alguma força, lhe deo, alem d´aquelle uso, outro, que he o de modificar os sons das letras c, l, n, [...] quando lhes he posposto, formando os sons ch, em chave (e antigamente tch, como ainda se pronuncia em Tras os Montes, tchave), lh em mólho, toalha; nh em rebanho, etc. [...]" (CONSTÂNCIO, 1831, p. 283).*

Da mesma forma, o gramático é também favorável à conservação do <h> etimológico, independentemente da posição em que ocorra. Nesta linha, na sua opinião, os dígrafos gregos devem ser igualmente mantidos, pois seria uma forma de se conhecer o radical de que provém o vocábulo em causa.

No tocante à análise que Solano Constâncio faz destes dígrafos, ela é iniciada com o tratamento do <ph>, que o autor diz não dever ser substituído por <f>:

*Nas palavras derivadas do grego, directamente ou por meio do latim, e em que os Romanos empregavão ph para representar o phi grego (que era não f, mas hum p seguido de h aspirado), devemos conservar o ph, e nunca mudá-lo em f, sem o que, perderemos inteiramente o conhecimento do sentido do radical [...]" (CONSTÂNCIO, 1831, p. 270-271).*

Esta mesma regra deve aplicar-se aos restantes dígrafos gregos, substituindo-

do-se, assim, o <Θ> por <th> (*pathetico*), o <X> por <ch> (*archanjo*) e o <P> por <rh> (*rhethorica*). Repare-se que Constâncio não contempla a possibilidade de algumas palavras poderem grafar-se com <f, t, c, r>, quando estas já eram registadas no vernáculo, inclusive por João de Moraes Madureira Feijó (1688-1741)<sup>4</sup>, um dos grandes representantes da corrente etimológica no século XVIII.

Numa época em que muitos já defendem a substituição de <ch> por <c/qu>, como é o caso de Jerónimo Soares Barbosa, que proscreeve o uso deste dígrafo e justifica esta opção argumentando que esta *prolação* já tem uma função na língua portuguesa<sup>5</sup>, Constâncio afirma-se um defensor da manutenção deste dígrafo:

Embora digão que *ch* pronunciando-se nas palavras puramente portuguezas como *x* em *xadrez*, não deve usar-se para o som grego do *X*. Para evitar este inconveniente real querem que seja supprida esta letra por *qu*, e escrevem *arquivo*, *arquitectura*, *monarquia*, e por *c* antes de *a, o, u*; v.g. *caro*, *arcanjo*, *côro*, *coréa*, *corda*, etc. Em quanto á segunda substituição, admitto-a porque evita equivocar v.g. *choro* de *chorar*, com *choro* de musica; mas a primeira não he admissivel, porque, 1º ainda que se pronuncie mal o *ch*, não causa equivoco; 2º porque nenhuma regra temos em portuguez para indicar quando soa ou não o *u* de *qu* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 273).

No que concerne à substituição de <ch> por <c>, o autor aceita-a por forma a evitar a ambiguidade decorrente das palavras homógrafas. Por outro lado, adota uma postura inflexível relativamente à substituição de <ch> por <qu>, por considerar que esta pode ser causadora de equívocos, dado não existir regra alguma que nos indique quando o <u> de <qu> deve ser pronunciado.

<sup>4</sup> Veja-se, a título de exemplo, as considerações do ortógrafo acerca do grafema <f>:

[...] na Orthografia das palavras Gregas, que são nomes proprios, não se mude o *Ph* em *F*, para as não fazermos improprias, e tirar-lhes o distinctivo de que são Gregas. Nas appellativas, quem usar de *Ph*, escreverá sem erro, e por analogia; quem escrever com *F*, fará a palavra Grega aportuguezada; e não deixará de escrever bem; porque sempre fica a mesma pronunciaçãõ (FEIJÓ, 1781, p. 61).

<sup>5</sup> Soares Barbosa, ao contrário de Constâncio, considera que o dígrafo <ch> não pode ser empregue em representação do <χ> sem que se gere equívoco:

Disse na Regra: *Que se poderem representar pelos caracteres do nosso Alphabeto*: porque algumas não se podem; ou por não termos nelle letra propria para isto, como o *K* antes de *e*, e *i*, que substituímos com a Prolação Latina *QU*: ou por termos ja preocupado para alguma das nossas consonancias proprias as Letras que competirão ás Gregas e Latinas, como o *CH*, que servindo-nos para figurar a nossa chiante muda, como em *Chá*, ja a não podemos empregar sem equivoco em *Archãjo*, *Architecto* &c. (BARBOSA, 1822, p. 69).

A propósito desta característica da língua portuguesa, o gramático manifesta-se reticente relativamente ao uso do trema, por considerar que este sinal viria complicar a ortografia ou poderia facilmente ser omitido por descuido, não representando, por conseguinte, uma solução (cf. CONSTÂNCIO, 1831, p. 274).

Para além dos usos etimológicos, o grafema <h> podia ser usado com uma função distintiva em palavras que assim se grafavam para se distinguirem de outras, como por exemplo, *hum* (artigo indefinido ou numeral) de *um* (vogal nasal); *he* (verbo) de *e* (conjunção); *hia* (verbo) de *ja* (advérbio).

Constâncio é favorável a estes usos, não vendo nenhuma vantagem na sua eliminação:

Muitos modernos, tanto dos que se encostão á etymologia, como dos que só tomão por base a pronuncia, querem que se escreva *um, uma, é*; mas não ha razão para fazer esta mudança na orthographia a mais antiga e a mais constante, e pelo contrario ha motivo sufficiente para a conservar (CONSTÂNCIO, 1831, p. 269).

Seguidamente, o autor elenca as razões que o levam a defender a conservação do grafema <h> nestes casos. Assim, relativamente à palavra *hum*, alega que este <h> se justifica pelo facto de *os antigos* aspirarem ligeiramente o <u> e por vir da contração de *unum*, facto que terá exigido “[...] hum signal que desse força á vogal que suppre as duas da palavra latina [...]” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 269-270).

No que diz respeito à forma verbal *he*, o gramático prefere a grafia antiga, “[...] porque mais vale huma letra que hum accento, que mui facilmente se omitta na escripta e na impressão; tendo neste caso a tal omissão o gravissimo inconveniente de confundir o verbo com a conjunção *e*” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 270).

Constâncio defende ainda o uso do grafema <h> com função anti-hiática, servindo para evidenciar que duas vogais em contacto não formam ditongo: “O *h* he util, e preferivel ao trema ou dieresis, e ao accento agudo ou ao circumflexo, para differençar, por ex. *caio* de *cahio*, *saio* de *sahio*, *saia* de *sahia*, *ai* de *ahi* [...]” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 270).

### 3.1.2 O uso do <y>

Relativamente ao grafema <y>, o gramático tem em consideração o critério etimológico e restringe os seus usos às palavras que o têm na sua origem, não



considerando admissível a sua utilização em palavras que não o contenham na sua origem<sup>6</sup>:

He portanto evidente que [...] não podemos deixar de nos encostar ao uso antigo e moderno, salvo naquilo que elle for contrario á razão; v.g. em escrever *lei, rei*, com *y*, que não he letra propriamente portugueza, e he só admissivel em palavras de origem grega, para representar o *ypsilon*, ou nas vozes estrangeiras, inglezas, etc. (CONSTÂNCIO, 1831, p. 266).

Mais uma vez, o gramático adota uma postura conservadora ao considerar como erro grave a substituição do <y> por <i> nas palavras oriundas do grego, pois, na sua perspectiva, esse facto poderia acarretar uma errada interpretação dos elementos constitutivos das palavras:

Outro tanto se aplica ao *y* grego, que substituido por *i*, induz em grave erro; v.g.: *oligarchia*, significa o *governo de poucos* (de *oligos*, pouco, e *árché* ou *garché*, supprindo o *g* a aspiração, que significa *autoridade*, etc.); e em *Olympo, olympiada*, etc., que escriptos por *i* parecem vir de *olim*, antigamente, e não de *Óloj* que significa *todo, inteiro* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 273).

### 3.1.3 Nexos consonânticos <ct, çç, pt, gn>

No que diz respeito aos nexos consonânticos <ct, çç, pt, gn>, seguindo a linha da conservação da matriz, Constâncio defende a sua manutenção, mesmo que a consoante em causa não se pronuncie em todos os vocábulos da mesma família<sup>7</sup>.

Todas as letras, consoantes ou vogaes, que pertencem ao radical, devem conservar-se nos derivados, ou ellas se pronunciem em todos ou só em alguns, e ainda

---

<sup>6</sup> No que respeita aos casos em que o <y> é consagrado pelo uso e não tem qualquer fundamento etimológico, também Soares Barbosa considerava o seu emprego um abuso: “He porém abuso empregar o *Y* em palavras, que o não tem na sua origem, como *Ley, Rey, Moyo, Comboy &c*” (BARBOSA, 1822, p. 70).

<sup>7</sup> Applicando esta regra, digo que todas as vezes que huma letra radical he pronunciada, na conversação, na tribuna, no pulpito ou na declamação theatral, em diversas palavras de huma familia, deverá escrever-se, ainda naquellas em que nunca soa; v.g. *signal, assignalar; acção, acto; victoria, victorioso; dicto, dictado, dictador; prompto, excepto, correcto*, etc.; e derivados, posto que nos mais d’elles e no radical portuguez, não soe o *g, c, ou p*, mas por soar huma destas letras em *signo, insignia, promptuario, exceptuar, correção, correccional, actual, actor* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 264).

quando não soão, no caso de modificarem a letra precedente ou as subseqüentes. D'aqui se colhe que as consoantes dobradas das palavras latinas devem conservar-se em portuguez, nos termos immediatamente derivados d'aquella lingua [...] (CONSTÂNCIO, 1831, p. 266-267).

Relativamente a estes casos apresentados, a única exceção a que o gramático se refere é às formas do verbo *praticar* em que o <i> corresponde à sílaba tónica, de forma a não se confundirem com o substantivo *practica* e o adjetivo *practico* (cf. CONSTÂNCIO, 1831, p. 282).

### 3.1.4 Nasalidade

A representação da nasalidade tem criado alguns problemas aos ortógrafos ao longo dos tempos, uma vez que se trata de um campo marcado por alguma instabilidade gráfica sendo, por vezes, até polémico.

Relativamente à representação da nasalidade nas vogais, Constâncio descreve os usos habituais, referindo que ela se pode marcar com recurso ao til ou através da sequência de vogal mais consoante nasal: “Toda a vogal nasal simples se pode escrever pondo sobre ella o til (~) ou ajuntando-lhe *m* ou *n* que não faça syllaba com a letra immediata, a não ser essa *m* ou *n* final” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 278).

No caso em que a nasalidade ocorre na última sílaba, contendo esta as vogais <e>, <i>, <o> ou <u>, o gramático defende o uso do <m> em detrimento do til (cf. CONSTÂNCIO, 1831, p. 278). Partindo das palavras *bem*, *fim*, *bom*, *hum*, o autor justifica esta opção alegando que estas formas não são derivadas do nominativo, mas sim do acusativo *finem*, *bonum*, *unum*, razão pela qual se deveriam grafar com <m>.

No tocante aos ditongos nasais, o autor defende que deve ser colocado um til na primeira das vogais, não admitindo a representação da nasalidade através da consoante, à semelhança do que já defendera Soares Barbosa<sup>8</sup>: “A

<sup>8</sup> A este respeito, Soares Barbosa conclui que o recurso ao til seria o caminho mais seguro para evitar enganos:

Sobre o que cumpre advertir que ninguem se engane com a nossa Orthografia vulgar, que póde muito facilmente induzir em erro, quando escreve os Diphthongos Nasaes humas vezes com a Prepositiva so sem a sua Subjunctiva, como *Pam*, *Bem*, em lugar de *Pão*, *Bêe*; e outras com ambas as vozes sim, mas com a modificação Nasal fóra do seu lugar, como em *Mains*, *Maons*, *Sermoens*, *Bens*, *Ruins*. Porque a nasalidade, marcada por nós com o *Til* por cima da vogal, cahindo sempre nos nossos Diphthongos Nasaes sobre a prepositiva dos mesmos; a Orthographia vulgar a vem

orthographia dos pluraes em ães, ões, escriptos *aens*, *oens*, he igualmente viciosa, porque o *n* torna nasal a vogal *e* que o não he, deixando simples a que he nasal, isto he, o *a* e o *o*” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 280).

No que diz respeito ao ditongo nasal [ẽw], Constâncio critica aqueles que o representam graficamente através de <am> e aqueles que, ainda que adotem a forma <ád>, colocam um acento no <a>, transferindo o til para o <o>, considerando que “he com effeito contradicção manifesta pôr o til em huma vogal pura e surda que nada tem de nasal, tirando este signal á que o he” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 279).

#### 4. A ortografia e a evolução da língua portuguesa

Ao longo deste tópico dedicado à ortografia, Constâncio vai apresentando algumas alterações que a língua sofreu desde a sua matriz até ao tempo em que escreve.

Em termos metodológicos, preocupa-se em fornecer sempre a forma primitiva latina e a derivada portuguesa, evidenciando sólidos conhecimentos no âmbito da etimologia e mostrando interesse por questões relacionadas com a história da língua, aspetos relevantes para a linguística do século XIX. Indagar a origem e a evolução da língua é um tema que já ocupou autores anteriores, como por exemplo Duarte Nunes de Leão (cf. *Origem da língua portuguesa* de 1606), ainda que falte “[...] uma sistemática no sentido moderno. Esta só veio a desenvolver-se sob a influência da linguística histórico-comparativa [...]” (SCHÄFER-PRIEß, 2002, p. 163).

Constâncio manifestou, ao longo desta gramática, um interesse constante por temas como a evolução e a comparação entre as línguas. No presente capítulo dedicado à ortografia, este interesse fica manifesto nos vários exemplos de evoluções fonéticas que apresenta à medida que discorre acerca das diferentes regras ortográficas. Desta forma, permite ao leitor conhecer o percurso dos

---

a pôr no fim das duas vozes, fôra do seu lugar, figurando-a com *N*, que tambem tem este valor, quando não he seguido de vogal. Este *N*, em lugar de *Til*, teria o seu lugar proprio immediatamente depois da prepositiva, se em vez de escrever *Mains*, *Maons*, *Sermoens*, *Beens*, *Ruins*, escrevessemos *Manis*, *Manos*, *Sermones*, *Benes*, *Runis*. Mas esta escriptura tinha o inconveniente de fazer do *N*, signal de nasalidade, hum *N* Consoante pela vogal que se lhe segue, como fazem os Hespanhoes. Para evitar pois este absurdo, cahio no outro de pôr o signal nasal fôra do seu lugar. Porém quem escrever os Diphthongos Nasaes constantemente com o *Til* por cima da prepositiva, evitará hum e outro desacerto (BARBOSA, 1822, p. 16-17).

vocábulos do latim ao português. Seguidamente elencamos alguns exemplos destas evoluções apresentadas pelo gramático.

i > e	“Mudámos o <i>i</i> latino em <i>e</i> , em <i>peixe</i> (piscis), <i>entrar</i> (intrare), <i>sem</i> (sine), <i>temer</i> , <i>temor</i> (timor), <i>se</i> (si) [...] (CONSTÂNCIO, 1831, p. 265)
-us e -u > o surdo	“ <i>mutus</i> , <i>surdus</i> , <i>alienus</i> , <i>genu</i> , <i>cornu</i> , de que fizemos, <i>mudo</i> , <i>surdo</i> , <i>alheio</i> , <i>joelho</i> , <i>cornu</i> ” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 269)
ae > i oe > é, ê, ei	“O diphtongo latino <i>ae</i> , mudado em <i>i</i> , v.g. <i>aetas</i> , idade, <i>aequalitas</i> , igualdade, corresponde á pronuncia do <i>e</i> dos Gregos antigos e modernos. O <i>oe</i> muda-se em <i>é</i> , <i>ê</i> , ou em <i>ei</i> ; v.g. <i>foemina</i> , fêmea, <i>poena</i> , pena, <i>foetidus</i> , fétido, <i>foenum</i> , feno; mas nunca em <i>i</i> .” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 276-277)
j > g	“O uso tem feito adoptar o <i>g</i> em lugar do <i>j</i> , antes de <i>e</i> e <i>i</i> , em palavras que os Romanos escrevião por <i>j</i> , v.g. <i>magestade</i> [...]” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 276)
ct > cç, x final > z final, p > b	“Em quanto a letras consoantes, são igualmente numerosos os exemplos; v.g. <i>ç</i> , por <i>t</i> em <i>acção</i> (actio); <i>z</i> ou <i>s</i> , por <i>x</i> , em <i>audaz</i> (audax), <i>voz</i> (vox); <i>b</i> por <i>p</i> , em <i>abrir</i> , <i>cozr</i> (aperire, operire). (CONSTÂNCIO, 1831, p. 265)
ad > ac > a	“em <i>acender</i> e muitas outras palavras compostas em latim da proposição <i>ad</i> modificada em <i>ac</i> , esta se converteo na preposição portugueza <i>a</i> , nas palavras em que nunca soou o primeiro <i>c</i> gutural, como he <i>acender</i> e seus derivados, <i>aconselhar</i> , <i>acurvar</i> , <i>afastar</i> , <i>afear</i> , <i>afogar</i> , etc., mas não assim em <i>acceder</i> , <i>accessio</i> .” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 267)
t > d	“Assim tambem quando o <i>t</i> latino he representado por <i>d</i> portuguez, escrevemos, v.g. <i>verdade</i> , <i>liberdade</i> , <i>humanidade</i> , de <i>veritate</i> , <i>libertate</i> , <i>humanitate</i> ; mas em algumas em que pronunciamos conforme á origem o <i>t</i> , este se escreve, v.g. <i>dictadura</i> e <i>dictatura</i> , <i>escriptor</i> e <i>escrevedor</i> , <i>maduro</i> , <i>madureza</i> , e <i>maturidade</i> , <i>immaturo</i> , <i>mudar</i> , <i>mudavel</i> , e <i>mutabilidade</i> , etc. (CONSTÂNCIO, 1831, p. 267-268)
n > nh li > lh pl > ch	“Não havendo letra correspondente, supprir-se-ha por huma prolação, isto he, por duas letras cujo som he simplez: o <i>n</i> de <i>vinum</i> he substituido por <i>nh</i> ; o <i>li</i> por <i>lh</i> , e <i>filho</i> de <i>filius</i> , <i>mulher</i> de <i>mulier</i> ; o <i>pl</i> por <i>ch</i> , em <i>chuva</i> , <i>chover</i> , de <i>pluvia</i> , etc.” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 268)
-ate > -ade	“ <i>libertate</i> , <i>veritate</i> , mudados em <i>liberdade</i> , <i>verdade</i> .” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 269)

Estas descrições não são muito detalhadas, nem surgem agrupadas por fenómenos fonéticos, embora ele reconheça a existência dos mesmos e os mencione no início desta parte, referindo nomeadamente a “[...] mudança de

terminação, transposição, omissão, adição ou substituição de letra ou letras” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 263). Lembramos, no entanto, que estas considerações surgem enquadradas nas regras ortográficas que o autor apresenta e servem também para mostrar algum aspeto em análise, permitindo perceber como se chegou à forma em vigor.

Por outro lado, podemos constatar que autores seus coetâneos, nomeadamente os referidos pelo gramático, Jerónimo Soares Barbosa e António de Morais Silva (1753-1824), embora possam pontualmente apresentar uma ou outra evolução, não o fazem da forma regular que encontramos na obra de Constâncio.

## **Considerações finais**

A *Grammatica analytica da lingua portugueza* de Francisco Solano Constâncio é uma obra afinada com o seu tempo, enquadrando-se dentro dos principais movimentos que grassavam na época.

Com o presente artigo, foi nosso intento analisar e dar a conhecer as principais doutrinas ortográficas do autor, tendo-nos dedicado, por conseguinte, ao estudo da parte consignada à ortografia. Neste sentido, analisámos alguns aspetos que habitualmente geram controvérsia entre os ortógrafos.

No que concerne ao grafema <h>, o autor considera este que pode ser usado enquanto sinal de aspiração, sinal distintivo, marca etimológica, com função anti-hiática e como elemento constitutivo dos dígrafos portugueses <ch, lh, nh> e dígrafos gregos <ch, ph, th, rh>. Das suas propostas ressalta o facto de defender a manutenção do dígrafo <ch> em vez de <qu> para representar a letra grega <X>, contrariamente ao que já vinha sendo prática comum, e o uso do grafema <h> não etimológico em palavras como *he, hum e sahir*.

Afirmando-se um defensor do princípio etimológico, Constâncio propõe a manutenção de todas as letras que figurem nas palavras de origem, desde que os doutos ainda se sirvam delas. Neste sentido, defende a manutenção do grafema <y> em palavras de origem estrangeira, assim como dos nexos consonânticos <ct, çç, pt, gn>, mesmo que uma das consoantes não tenha valor fonético.

Relativamente à representação da nasalidade, Constâncio segue os seus antecessores, ao considerar que ela se pode marcar com recurso ao til ou através da sequência de vogal mais consoante nasal.

Do estudo das suas propostas, podemos constatar que a sua doutrina ortográfica assenta principalmente na valorização do princípio etimológico,

adotando, por vezes, uma postura conservadora, mais próxima de autores do século anterior do que de autores seus coetâneos.

Finalmente, é ainda digno de nota o facto de o autor refletir acerca das diferentes evoluções fonéticas operadas na língua, à medida que vai explorando as diferentes regras ortográficas. Na verdade, esta abordagem não se cinge exclusivamente a esta parte da gramática, uma vez que, ao longo de toda a obra, o autor tece considerações acerca da evolução e comparação entre as línguas, apresentando já reflexos das propostas da linguística histórico-comparativa, que em Portugal iria apenas ser introduzida em 1868, com a obra *A Lingua Portuguesa* de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919).

### Referências bibliográficas

- BARBOSA, Jerónimo Soares. *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Na Typographia da Academia das Sciencias, 1822.
- COELHO, Francisco Adolfo. *A Lingua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868.
- COELHO, Sónia. *A Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa de Jerónimo Soares Barbosa: Edição crítica, Estudo e Notas*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras/UTAD, 2013.
- COELHO, Sónia; FONTES, Susana. “Observações críticas sobre as regras das do Sr Jeronymo Soares Barboza” por Francisco Solano Constâncio. *Revista de Estudos da Linguagem*, 24, 2, p. 446-464, 2016.
- COELHO, Sónia; FONTES, Susana. *A Grammatica analytica da lingua portugueza* (1831) de Francisco Solano Constâncio. In: ASSUNÇÃO, Carlos; FERNANDES, Gonçalo; KEMMLER, Rolf. *Tradition and Innovation in the History of Linguistics: Contributions from the 13th International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS XIII)*. Münster: Nodus Publikationen, p. 74-85, 2016.
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*. Paris: Em Casa de J. P. Aillaud, Rio de Janeiro: Em Casa de Souza, Laemmert e C<sup>a</sup>, 1831.
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Resumo da grammatica portugueza*. In: *Novo Diccionario critico e etymologico, da lingua portugueza*. Paris: Casimir, 1836.
- FEIJÓ, João de Morais Madureira. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafoens*. Lisboa Occidental: Na Officina de Miguel Rodrigues, 1734.

- SCHÄFER-PRIEBß, Barbara. Entre a gramática filosófica e a linguística histórico-comparativa: Francisco Solano Constâncio e a sua Grammatica analytica da lingua portugueza de 1831. In: *Estudos de história da gramaticografia e lexicografia portuguesas*, p. 159-175, 2002.
- SCHÄFER-PRIEBß, Barbara. *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822. Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie Band 300), 2000.
- SCHÄFER-PRIEBß, Barbara. *A Gramaticografia Portuguesa de 1540 até 1822: Condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*. Tradução de Jaime Ferreira da Silva, revista e atualizada pela autora, no prelo.
- SILBERT, A[lbert]. Autour de Francisco Solano Constâncio. *Bulletin des Etudes Portugaises* 14, p. 132-196, 1950.
- SILVA, Inocência Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Volume III. Lisboa: na Imprensa Nacional, 1859.
- VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (org.). *Dicionarística portuguesa. Inventariação e estudo do património lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.
- WILLIAMS, Edwin. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

Recebido em 19 de setembro de 2016.

Aceito em 2 de novembro de 2016.